



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA
CAMPUS I**

WANDERSON RODRIGUES VIEIRA DA SILVA

**CAMPINA GRANDE NAS TRAMAS DO MODERNO: HIGIENIZAÇÃO E
MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO (1930 – 1945)**

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

WANDERSON RODRIGUES VIEIRA DA SILVA

**CAMPINA GRANDE NAS TRAMAS DO MODERNO: HIGIENIZAÇÃO E
MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO (1930 – 1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito básico à obtenção do diploma de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^aDr^a Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Wanderson Rodrigues Vieira da.
Campina Grande nas tramas do moderno: higienização e modernização do espaço urbano (1930 - 1945) [manuscrito] / Wanderson Rodrigues Vieira da Silva. - 2019.
28 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão , Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Campina Grande - PB. 2. Espaço urbano. 3. Reforma urbana. 4. Projeto de modernização. I. Título
21. ed. CDD 711.4

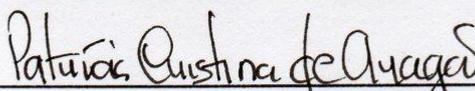
WANDERSON RODRIGUES VIEIRA DA SILVA

**CAMPINA GRANDE NAS TRAMAS DO MODERNO: HIGIENIZAÇÃO E
MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO (1930 – 1945)**

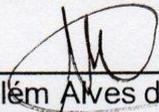
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em História, do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Campus I, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do diploma de Licenciatura em História.

Aprovado em: 05/12/2019.

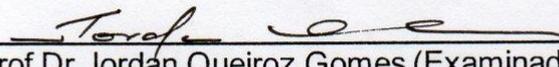
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Matusalém Alves de Oliveira (Examinador I)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes (Examinador II)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização do largo da matriz 1932, atual Avenida Floriano Peixoto, Campina Grande-PB.....	17
FIGURA 2 – Inauguração do sistema de água em 1938, Campina Grande-PB.....	19
FIGURA 3 – Prédio do Matadouro Público, no bairro de Bodocongó, concluído pela administração do prefeito Vergniaud Wanderley, em 1942, em Campina Grande-PB.....	20
FIGURA 4 – Imagem do primeiro hotel de Campina Grande, após a inauguração em 19 de abril de 1942.....	22
FIGURA 5 - Imagem do projeto da casa de saúde e maternidade Francisco Brasileiro, em 1938, Campina Grande-PB.....	23
FIGURA 6 – Imagem da Rua Maciel Pinheiro, década de 1940, Campina Grande-PB.....	24
FIGURA 7 – Imagem do Antigo Paço municipal, antes da sua demolição, década de 1940, Campina Grande- PB.....	25
FIGURA 8 – Imagem da Antiga Igreja do Rosário, em 1942, Campina Grande-PB.....	26
FIGURA 9 – Imagem da Praça Clementino Procópio, década de 1940, Campina Grande- PB.....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. AS CIDADES: UMA ABORDAGEM TÉORICA	8
2. OLHARES ATENTOS: A CIDADE ANTES DO PERÍODO DA REFORMA URBANA	10
3. DO PROGRESSO A CIVILIDADE: CAMINHO DE CAMPINA GRANDE	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

CAMPINA GRANDE NAS TRAMAS DO MODERNO: HIGIENIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO (1930 – 1945)

Wanderson Rodrigues Vieira da Silva¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as transformações urbanas ocorridas na cidade de Campina Grande entre os anos de 1930 a 1945, dedicando, especificamente, investigar como estava organizada a cidade e seus espaços até a metade da década de 30 do século XX. E de que modo o projeto modernizador no período de reforma urbana de 1935-1945 contribuiu para construir espaços modernizantes na cidade. Neste sentido, na intenção de fazer Campina Grande moderna, surgia, na cidade, a implantação de projetos de modernização e sanitização do espaço urbano através de construções, bem como o deslocamento e centralização de atividade consideradas impróprias ao seu desenvolvimento. Para realização desta pesquisa, utilizou-se estudos da história social, tendo como aporte teórico os trabalhos de Brescianni (1992); Chalhoub (1996); Cabral (2009); Araújo (2010); Aranha (2005); e Souza (2003). Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, documental e a análise das fontes, a partir do paradigma indiciário, buscando vestígios e indícios, cujas fontes foram jornais da época, fontes documentais, imagens, além de artigos, teses e dissertações. Esta pesquisa contribuiu no campo da história, por demonstrar a importância em debater os motivos e as causas que levaram as cidades a transformar o espaço urbano. Através desta pesquisa, compreende-se que até os anos 1930, Campina Grande era um local sem higienização, infraestrutura e organização social, o que mudou após o processo de reforma urbana, resultando na construção de novos espaços organizados, modernos e higiênicos no espaço citadino.

Palavras-chave: Campina Grande – PB. Espaço urbano. Reforma Urbana. Projeto de modernização.

ABSTRACT:

This paper aims to analyse the urban transformations occurred in Campina Grande between the years of 1930 to 1945, dedicating especially to know how was organized the city and its spaces until the half of the decade of 30s twentieth in a way that the modernization project in the urban reform era from 1935-1945, contributing to construct modernized spaces in the city. In this sense, in the intention of making Campina Grande a modern city, arose the implementation of projects of modernization and sanitization of the urban space through constructions, as well as the displacement and centralization from the activities considered inappropriate to its development. To made this research, we made use of studies of social history,

¹Graduando do Curso de História da UEPB. E-mail: wanderson_silva2011@hotmail.com

having as theoretical background works from Brescianni (1992); Chaíhoub (1996), Cabral (2009), Araújo (2010) Aranha (2005), e Souza (2003). We utilized as methodology, the bibliographical and documental researches, and an analysis of the source from an indicator paradigm searching for traces and indicates, in which the sources were newspapers from the epoch, documental sources, images, besides articles, thesis, and dissertations. Finally, this work contributes to the history field, because it demonstrates the importance of discusses the reasons and causes that lead these cities to transform the urban space. Through this research, we comprehend that until the 1930s, Campina Grande was a place without sanitation, infrastructure, and social organization, which changed after the process of urban reform, which resulted in the construction of new organized spaces, moderns and sanitary in the city space.

Keywords: Campina Grande – PB. Space Urban. Reform Urban. Project of Modernization.

INTRODUÇÃO

A temática sobre as cidades tornou-se um campo rico no desenvolvimento de trabalhos historiográficos no Brasil. Embora desencadeada pela escola do Annales², desde o ano de 1929, passou a surtir efeito por pesquisadores brasileiros a partir de 1980. Período em que os estudos, ao serem ampliados em conjunto com outras áreas do conhecimento, deram lugar a várias pesquisas, inclusive no campo da história social, corrente teórica importante, não apenas para esta pesquisa, mas para a historiografia como um todo, por trabalhar questões, que antes eram consideradas irrelevantes ou pouco trabalhadas na história. Entre elas, podemos citar as relações sociais, as transformações urbanas, a modernização e a higienização do espaço citadino.

Trabalhamos com este inscrito o processo de transformação urbana de Campina Grande, entre os anos de 1930 a 1945, período em que a cidade passou a ter seu espaço urbano mudando, em virtude da modernização e da higienização de seus espaços. O que se deu mediante construções, deslocamento e centralização de quaisquer atividades, consideradas impróprias a cidade, a qual se planejava. Como objetivo geral, objetivamos compreender o processo de higienização em Campina Grande e sua modernização, através do desenvolvimento urbano no período compreendido entre 1930 e 1945. Como objetivos específicos, elencamos os seguintes: entender como estava organizada a cidade de Campina Grande e seus espaços de higienização a partir dos anos de 1930; discutir como o prefeito Vergniaud Borborema Wanderley influenciou na construção de novos espaços modernizantes na cidade no período proposto para estudo e os impactos causados; identificar a construção dos espaços de higienização da cidade de Campina Grande no período das reformas urbanas.

² A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico, surgido na França no século XX, com a missão de ampliar novas fontes e abordagens, para serem trabalhadas na historiografia. Esse movimento é dividido em 4 fases; a primeira liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre; a segunda geração por Fernand Braudel; terceira geração por vários historiadores dentre eles: Jacques Le Goff e Pierre Nora. Além da quarta Fase, a partir de 1980 com a ampliação de várias temáticas dentre elas relacionadas a história social e cultural.

É através das pesquisas desenvolvidas sobre cidades, que as transformações urbanas de Campina Grande passam a ser pensadas e problematizadas. Como norte desta pesquisa, elaboramos os seguintes questionamentos: como estava organizada a cidade de Campina Grande e seus espaços antes do projeto modernizador e após sua execução?

A escolha por esse recorte temporal se justificou, porque buscamos compreender como estava organizado a cidade antes do período de reforma e como, a partir do processo de transformação urbano realizado entre os anos 1930 e 1945, a cidade se configurou.

As causas que nos levaram a desenvolver esta pesquisa implicam na busca por respostas a indagações, as quais sempre foram motivos de curiosidade. Sendo natural de Campina Grande, morador da cidade, e enquanto estudante do curso de história, realizei algumas leituras sobre temas relacionados às cidades e às transformações dos espaços urbanos, em especial as transformações urbanas ocorridas nas cidades brasileiras, no final do século XIX e início do século XX.

Atraído pelo tema, procurei aporte em autores que trabalham a historiografia de Campina Grande para, em conjunto com as diversas fontes, encontrar possibilidades para o desenvolvimento desta pesquisa. Na tentativa de compreender o passado e os motivos que levaram a cidade de Campina Grande a realizar seu processo de transformação urbana no período proposto para o presente estudo.

Buscando contribuir para a historiografia paraibana, este estudo possibilita-nos entender como se deu o processo de modernização e higienização das cidades do interior, que, a partir de reformas, deram novas conformidades sociais específicas aos seus espaços urbanos.

Partindo do pressuposto de que o historiador se utiliza do passado para construção do conhecimento historiográfico e que as ferramentas para a construção desse conhecimento necessitam de um método de pesquisa, tomemos por base o paradigma indiciário apontado por Ginzburg (1989), que utiliza como método investigativo a procura por indícios, vestígios, sintomas, fontes, signos, entre outros. O paradigma indiciário³ baseado na minúcia e detalhes abrir caminhos, e possibilidades para a construção das pesquisas historiográficas.

Assim, apresentamos as fontes e as metodologias que foram utilizadas para a construção deste trabalho. Trata-se de uma pesquisa histórica, na qual as fontes problematizadas servem de auxílio para contar a história de um local, enquanto objeto de estudo e sua relação com o processo de modernização das cidades.

De início, foi feita uma análise a partir dos jornais: “O Brasil Novo” e “A Batalha”. Veículos de comunicação que dispõem de conteúdos de relevância, no que se refere a pedidos de melhoramento da cidade nos primeiros anos da década de 1930, do século XX. É partir desses jornais que podemos ver discursos provenientes de reclamações, em decorrência das péssimas condições higiênicas

³Paradigma indiciário, é um conjunto de princípios e procedimentos, que tem como base a construção do conhecimento por meio de traços desprezados como, vestígios, indícios, sintomas, fontes e signos entre outros. (Conferir o trabalho de GINZBURG, Carlo, 1939. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989).

oferecidas na cidade. Fatos que podiam ser vistos quase que diariamente nas matérias jornalísticas.

Também se utilizou como fonte de pesquisa, o “Jornal Voz da Borborema”, publicações de leis e decretos municipais, que, ao serem problematizados juntamente com fotografias, possibilitaram, a partir de um estudo técnico minucioso, observar como se deu o processo de higienização e modernização em Campina Grande.

O artigo está dividindo em três tópicos. No primeiro tópico, denominado “As cidades: uma abordagem teórica”, trazemos considerações de pesquisadores, que realizaram estudos sobre as transformações urbanas das cidades, entre elas: Londres, Paris Rio de Janeiro, além de estudos sobre Campina Grande, os quais utilizamos para fundamentação desta pesquisa.

O segundo tópico, “Olhares Atentos: a Cidade”, Antes do Período da Reforma Urbana”, busca evidenciar como estavam organizados os espaços da cidade, as ruas, os locais de feiras, os quais, sendo carentes de modernização e higienização, tornavam-se alvos de intensas críticas ao longo dos anos que antecedem a reforma urbana.

No terceiro tópico, denominado “Do progresso a civilidade: caminhos de Campina Grande”, debatemos as transformações urbana ocorridas, a partir de uma série de obras e construções que surgiram em nome da higienização e modernização dos espaços da cidade. Por fim, trazemos considerações acerca de nossas constatações, através deste estudo histórico-investigativo.

1. AS CIDADES: UMA ABORDAGEM TÉORICA

As cidades têm se constituído como um dos temas mais trabalhados na historiografia nos últimos anos. Com ênfase para sua formação, relações sociais, e transformações urbanas ao longo do tempo. As cidades também foram estudadas enquanto espaço de controle social, espaço de resistência e afirmação dos indivíduos, em sua continua luta pela liberdade e sobrevivência pessoal⁴. Abordagem essas, trabalhadas na história social, campo teórico responsável em influenciar a produção de importantes pesquisas relacionadas as cidades.

Dentre os trabalhos, podemos citar as transformações urbanas provocadas pelo processo de modernização e higienização dos espaços das cidades. Tal proposta é trabalhada por alguns autores e serve como aporte teórico para o desenvolvimento desta pesquisa.

Brescianni (1991) escreve sobre as transformações urbanas que ocorreram no século XIX em Londres e Paris. Evidencia como se deu nessas cidades o processo de modernização, por intermédio de um ritmo frenético que, após intensa industrialização, passou por diversos problemas de ordem higiênica e urbana, com a finalidade de promover um espaço organizado e ordenado⁵. Isso contribuiu para se pensar como o processo de modernização no mundo, principalmente na Europa, no século XIX, passou a interferir e mudar o ambiente

⁴Conferir o trabalho de THOMSON. E. P. **Costumes Comum. Estudos Sobre a Cultura Popular e tradicional**. Revisão técnica; Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo fontes, - são Paulo: Companhia das letras, 1998.

⁵ Conferir o trabalho BRESCIANNI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX: o Espetáculo Da Pobreza**. 7º edição São Paulo: Brasiliense, 1992.

urbano das principais cidades mundiais, abrindo espaços e caminhos para o entendimento no estudo das cidades do Brasil, em especial, a cidade de Campina Grande. Embora devamos comungar da ideia de Aranha (2005), quando pensa o ritmo lento e distinto em que as cidades do norte do Brasil sofreram modificações, vale mencionar que estas se diferenciaram das cidades europeias no que concerne à modernização⁶.

Chalhoub (1996) examina a relação entre cidade, pobreza e higiene no campo da historiografia social⁷. O autor narra a demolição do cortiço cabeça de porco, um dos cortiços que foram alvos das interferências do poder municipal, no século XIX. “O Cabeça de Porco — assim como os cortiços do centro do Rio em geral — era tido pelas autoridades da época como um “valhacouto de desordeiros” (CHALHOUB, 1996, p. 16).

A partir do que foi dito pelo autor, a demolição do cortiço no século XIX representou às autoridades uma medida de afastamento das “classe pobres e classes perigosas”, das principais vias da cidade, que, em nome da modernização e higienização dos espaços da cidade, não se constrangeram em combater tudo aquilo que consideravam um perigo a sociedade. E que na pretensão de atingir o status de moderna, deveriam acabar ou afastar o anti-higiênico e o “feioso” dos perímetros centrais. Problemas esses que, segundo os letrados de Campina Grande, se faziam presentes na cidade e deveriam ser mudados a partir de reformas urbanas.

Percorrendo um caminho semelhante, Filho (2009) utiliza imagens fotográficas em sua pesquisa para analisar os passos da modernização da cidade de Campina Grande entre os anos de 1930 a 1950⁸. O autor aborda em seus estudos, questões relacionadas aos problemas urbanos existentes nos perímetros centrais, bem como relata o controle social dos moradores que tiveram a partir do projeto de modernização seu ambiente urbano e social alterado em nome do progresso da cidade.

Souza (2003) em seu artigo, aborda a partir de uma contextualização com a historiografia nacional “os projetos e as tensões que marcaram a vida dos habitantes de Campina Grande” no período em que a cidade foi alvo da reforma urbana⁹. O autor argumenta que o projeto modernizador, inferiu não apenas no ambiente urbano da cidade, como também passaram a interferir nas sensibilidades de seus moradores com a erradicação de maus hábitos e costumes, expulsando pra longe toda e qualquer construção, meio de transporte e hábitos fora do padrão. Souza (2003) em sua pesquisa relata que o processo de modernização dos grandes centros urbanos dos quais podemos citar as grandes cidades da Europa, serviram de exemplo para modernização de cidades

⁶ Segundo Gervásio Batista Aranha em seu trabalho “**Seduções do Moderno na Paraíba do Norte: Trem de Ferro, luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e Simbólicas (1880 – 1925)**”, devemos pensar o ritmo distinto em que as cidades do Norte do Brasil, experimentarão sua modernização. o autor propõe pensar a modernidade a partir das conquistas materiais, de equipamentos modernos e coletivos como símbolo da modernidade nas cidades do Norte.

⁷ Ver CHALHOUB, Sidney. Cidade **febril Cortiços e epidemias na Corte imperial**. 2^o edição. Editora Companhia das letras, São Paulo/SP, 2017.

⁸ Conferir: FILHO, Severino Cabral. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História**. Campina Grande, UFCG, 2009.

⁹ Conferir o artigo de: SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra. **Campina Grande: Cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil 1930 a 1945**. São Paulo. Revista Brasileira de História, n. 46, v. 23, p. 61-92, 2003.

Brasileiras como são Paulo, Rio de Janeiro, Recife, que consecutivamente foram incorporadas em cidades do interior do Brasil dentre elas, Campina Grande.

Para dá fim a fundamentação teórica e adentrar no artigo, buscamos em Araujo (2010), que analisa em sua dissertação de mestrado como estava organizada a cidade de Campina Grande antes do período da reforma urbana e como ia se organizado a cidade de Campina Grande no tocante a construção de obras que foram realizadas, na tentativa de modernizar os espaços da cidade considerados feios e insalubres aos olhos do que desejavam atingir a modernidade¹⁰. Araújo (2010) assim como Souza (2003), se atenta em pensar como o projeto de modernização interferiu na vida dos Campinenses que passaram a ter seus hábitos controlados e disciplinados no período de reforma urbana.

2. OLHARES ATENTOS: A CIDADE ANTES DO PERÍODO DA REFORMA URBANA

Neste tópico, discutiremos como estava organizada a cidade de Campina Grande, antes do período de reforma urbana, tendo como foco analisar os principais problemas presentes no espaço urbano que, aos olhos da elite, caracterizava a cidade como feia, anti-higiênica, propulsora de doenças pela carência de infraestrutura das ruas e pela falta de higienização e modernização dos espaços da cidade.

A cidade de Campina Grande é conhecida e reconhecida economicamente pela produção e comercialização do algodão, pelas atividades têxteis e pelo intenso comércio nas feiras. Até os anos iniciais da década de 1930, apresentava um ambiente atrasado no que se refere à higienização e à modernização de seus espaços.

Assim, como as grandes cidades do Brasil passaram por um processo de transformação urbana em busca de melhorias, a cidade de Campina Grande viu em suas ruas um desenvolvimento um pouco tardio rumo ao processo de modernização. Filho(2009) enfatiza “que desde o início do século XX, Campina Grande já começou a experimentar e conviver com alguns equipamentos de natureza moderna” (FILHO, 2009, p.46).

A partir das considerações de Filho (2009) que comunga com a ideia de Aranha (2005), evidencia que os traços da modernidade na cidade foram o sistema de comunicação por telégrafo, desde os anos de 1896; o transporte ferroviário, inaugurado ainda em 1907; um serviço de telefonia, em 1918; um sistema de iluminação pública, em 1920; o Banco do Brasil, em 1923; a Escola Sólon de Lucena, em 1924; o primeiro cinema campinense, o “Cinema Brasil” que, embora tenha fechado um ano depois de sua inauguração, contribuiu para pensar a cidade e seu desenvolvimento rumo a modernização.

¹⁰Conferir trabalho de: ARAÚJO, Silvera Vieira. **Dispensando o Feioso: a construção da Higiene estética de Campina Grande (1930 – 1960)** 2010. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande, 2010, p. 138.

Apesar de seus traços modernos, Campina Grande, nos anos iniciais da década de 30, do século XX, apresentava um espaço urbano anti-higiênico e feioso, por apresentar em seus perímetros becos e casebres desalinhados, construídos de barro e taipa, ruas sem calçamento, o que caracterizava a cidade a partir dos aspetos de sujidade. Souza (2001)¹¹, ao refletir sobre esses aspectos, mostra que:

Nos anos 20, a rua grande, ou MacielPinheiro, era um “centro” de quase tudo na cidade, mas, as ruas paralelas e próximas a ela eram espaços marginais e com fortes marcas populares. No seu lado leste, encontrava-se a rua da emboca, rua que, até o início dos anos 30, era habitada por populares e povoada de pensões e meretrícios. Do lado oeste, havia a Venâncio Neiva, uma pequena e sinuosa rua com ares de beco e inúmeras casinhas alugadas a populares, algumas casas comerciais e de couro, como a casa de Rosback, e resquícios de um riacho que se transforma em vala de esgoto escorrendo no seu leito. Por estes tempos, recebeu a denominação que denunciava a população: beco do mijó, beco da merda e etc. (SOUZA, 2001, p. 28).

A partir do relato de Souza (2001), fica visível que a Rua Maciel Pinheiro era a principal artéria econômica da cidade, fazendo divisa com espaços populares marginais e de prostituição, presentes na rua da Emboca (atual Peregrino de Carvalho). Do lado oeste, havia a Venâncio Neiva, rua estreita, povoada por casas alugadas e alguns comércios, além de um pequeno córrego, utilizado como esgoto. O que causava a insatisfação dos senhores e senhoras de letras que prezavam por espíritos de mudanças e eram obrigados a conviver com essa realidade.

Filho (2009) mostra que a cobrança por um lugar moderno e higiênico era recorrente por grande parte da elite, que, a partir da década de 1930, passou a reivindicar melhorias no espaço citadino. E isso ocorreu em um período no qual quase todas as ruas centrais de Campina Grande eram ocupadas por feirantes, cujos negócios e atividades diversas se misturavam entre si, formando um grande aglomerado comercial, desprovido de higienização. O que causava diversas doenças na cidade.

As feiras, por serem realizadas em diferentes ruas, apresentavam-se como um dos locais mais criticados pela elite intelectual, que passou a exigir mudanças dessas atividades para longe dos perímetros centrais, apoiando-se no debate higiênico, que era dito como necessário em Campina Grande.

Este tipo de ação pode ser compreendido a partir de uma matéria publicada pelo jornal “O Brasil Novo”, em 21 de janeiro de 1931. Nele é reforçado, a partir de crítica, a preocupação com a imagem da cidade e a precária situação das principais vias.

A FEIRA DE FRUTAS

Campina precisa já e já de um mercado para frutas. É outro problema de solução inadiável, e que merece especial estudo do esforçado governador da cidade. Basta observar o que seja nossa feira de frutas nos dias invernosos. localizada na principal urbe deixa ao seu término, as calçadas

¹¹ Conferir SOUZA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra. **Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1920 – 1945)**. Tese. (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e ciências Humanas. São Paulo: Unicamp, 2001.

completamente manchadas impregnadas de cascas, de tal sorte que as simples varreduras dos encarregados da limpeza pública, não conseguem remover a sujeira deixada. Com as chuvas as cascas ligadas ao solo entram em decomposição e juntam tal quantidade de mosquitos e fazem tal lama, despreendendo às vezes um cheiro desagradável, que nos dá a impressão de umapocilga. A impressão não é tão dolorosa para os da terra, mais ou menos acostumados com o quadro, mas, especialmente para os visitantes, os quais tem sempre campina em um conceito mais elevado. E os campinenses ficam humilhados quando vêem os seus hóspedes agarrados às paredes para que não escorreguem nas cascas de frutas disseminadas nos passeios. Nós campinenses já estamos quase acrobatas, pelos contínuos treinos com que evitamos os escorregos¹² [...] (JORNAL BRASIL NOVO, 21 de janeiro de 1931).

A partir da matéria do jornal, é possível compreender como viviam as pessoas que transitavam nas principais vias de Campina Grande, tendo em vista a falta de higiene acrescida da falta de infraestrutura, que fazia da cidade um ambiente indesejado para os turistas, que levavam consigo uma imagem desagradável da viagem.

Enquanto local de intenso comércio, a Feira representava local de manejo e alimentação. O que aumentava ainda mais os cuidados higiênicos com a saúde pública. Sendo a Rua Maciel Pinheiro considerada a mais importante da cidade, que apesar de abrigar em seus perímetros casas de letrados, políticos e pessoas importantes, era aquela localidade que em dias de feiras tornava-se o ambiente mais populoso da cidade. Assim como a feira de frutas e de verduras, a feira de animais também se fazia presente nos perímetros centrais. A feira de gado, nas quintas feiras, e a dos gêneros alimentícios nos sábados (AGRA, 2010, *apud* MARINHO, 2009).

Em outra matéria publicada pelo “Jornal Brasil Novo”, em 9 de maio de 1931, verificamos um discurso crítico não só com relação à imundície exposta na cidade Campinense, mas ao despreparo do senhor Dr. Severino Cruz, por sua forma de conduzir a limpeza da cidade. Isso porque ao tentar sanar um problema, aumentou ainda mais a carência da higiene municipal, ao ordenar que os encarregados da limpeza depositassem seus lixos dentro de valetas e buracos causados pela chuva.

Com a Higiene Municipal Os encarregados do serviço do lixo desta cidade estão certamente exorbitando das ordens dadas pelo Dr. Severino Cruz. Nem pode ser outro modo, pois o que estão fazendo é de pasmar a quem tenha um pouco do noção do que seja hygiene. Ora, com as chuvas muitas ruas estão cheias de valetas profundas. Pois os encarregados do lixo conduzem suas carroças cheias e depositam nas valetas toda sorte de detricitos. Com as águas o lixo depositado entra em decomposição produzindo uma fedentina horrível. Não há santo de pedra que não leve o lenço ao nariz. Podemos citar para quem duvide a rua do oriente. Demais, essas águas correm para o açude velho com toda sorte de podridões. Felizmente a natureza dotou campina grande um clima adorável [...] (JORNAL BRASIL NOVO, 9 de maio de 1931).

¹²As fontes documentais como os jornais e projetos de leis trabalhado neste artigo, permanecem na escrita original sem alteração.

A partir do jornal, é possível verificar que os principais indicadores de doenças estavam presentes na cidade pela falta de esgotamento sanitário, coleta de lixo e uma intensa poluição atmosférica que causava a população grandes risco à saúde.

Outro fator importante que nos fez perceber a cidade e sua modernidade tardia é o uso de carroças, deixando-nos perceber que a cidade, até os anos 30, não usava caminhões para a coleta de lixo e sim o uso das carroças de tração animal na realização de tal atividade.

Consideramos que, além da falta de esgotamento sanitário, a cidade enfrentou severas crises hídricas, embora tenha tentado trazer água da cidade de Puxinanã, que, apesar de ter sido inaugurado em 1927, o sistema de água tratada não foi suficiente para atender uma população que crescia rapidamente Araújo (2010). Restava aos campinenses utilizar águas de cisternas e dos dois açudes que a cidade dispunha a oferecer. Águas estas que não eram higiênicas, já que a cidade não contava com um sistema de drenagem de esgoto e os açudes ou mananciais consistiam em caminhos de dejetos no período chuvoso.

Apesar dos intensos problemas de ordem higiênica da cidade, havia carência de quase tudo, inclusive de um hospital para tratamento de doentes, já que o Hospital Pedro I, cuja missão era voltada à caridade e ao acolhimento dos doentes, não servia como referência em tratamento de doenças, mas sim como local de abrigo.

O primeiro hospital da cidade, o Pedro I, só foi inaugurado em 1932, tendo como responsáveis os “Dr. Severino Cruz, João Arlindo Correa e João Tavares de Melo Cavalcanti, todos médicos que haviam chegado à cidade entre 1917 e 1925”, conforme relato de Agra (2010, p. 143).

Nessa época eu ainda não era maçom. Mesmo assim, eu fiquei engajado com Arlindo correia e Severino Cruz na construção do hospital Pedro I. trabalhei junto com eles, desde a fundação do hospital, até a sua inauguração em 7 de setembro de 1932, no governo do então interventor Gratuliano de Brito, meu particular amigo, com quem eu entrosei e conseguimos inaugurar o hospital Pedro I, ainda sem portas nem janelas, graças a uma epidemia de disenteria bacilar, que devido á seca que então existia na Paraíba, em 1932, fez migrar grande parte da população sertaneja para o litoral e, muita gente estava morrendo á míngua, aqui em campina, no meio das ruas. Conseguimos com Gratuliano Brito, que ele nos arranjasse camas e cobertores, colchões, travesseiros, que ele nos deu, tirando do quartel da policia do estado e mandando pra cá. Inauguramos então o hospital pra tratar os infelizes(AGRA, 2010, p. 143).

A partir de Agra (2010), podemos compreender que o hospital foi inaugurado às pressas, sem portas e janelas¹³. Com material reutilizado, passou a funcionar para livrar das ruas os humildes sertanejos que, ao serem atingidos pela seca de 1932, traziam enormes problemas de saúde, dificultando ainda mais a situação higiênica campinense.

Na ocasião, os médicos, além de cuidar dos doentes da cidade, eram obrigados a receber os contaminados de outras localidades, colocando a cidade

¹³ Conferir o trabalho de AGRA, Giscard Farias. **Modernidade Aos Góles: a Produção de Uma Sensibilidade Moderna em Campina Grande – 1904 - 1935**. Campina Grande, EDUFCEG, 2010, 218 p.

em situações drásticas de epidemias. Isso nos faz refletir que o hospital, ao ser construído, propiciava ao poder público um local de controle e centralização dos doentes, que eram considerados nocivos à ordem social. Chalhoub (1996) discursa que os pobres que viviam em situação precária, representavam um perigo à sociedade, já que suas moradias e seus hábitos se tornavam propícios à disseminação de qualquer tipo de doença epidêmica, causadora da desordem social.

Outro fator agravante do caos higiênico na cidade, nos anos iniciais da década de 1930, é caso dos animais que circulavam pelas ruas centrais de Campina Grande e que, desprovidos de tratamento higiênico, contribuíam para o aumento de doenças. O Jornal “A Batalha”, considerado um dos principais críticos dos problemas da cidade, em 19 de dezembro 1934, não se acanhou em tecer críticas ao representante municipal, o Dr. Pereira Diniz¹⁴, por seu descaso contra a ordem pública.

Isto é incrível, Sr. Prefeito. Inúmeras são as pessoas que teem sido mordidas por cachorros que perambulam pela cidade. A culpa cabe ao fiscal encarregado de reprimir semelhantes abuso, pois, não está cumprindo com as determinações do seu cargo. O dr. Pereira Diniz, tome as providencias precisas, por que não compreendemos que os empregos públicos seja sinecura dos políticos. As famílias estão alarmadas e os cães estão espalhados por toda parte ameaçando os transeuntes(JORNAL: A BATALHA, 19 de dezembro de 1934).

As críticas realizadas pelo periódico nos permitem refletir sobre os cuidados higiênicos da cidade no período em que as epidemias ultrapassavam fronteiras. Os cachorros por serem desprovidos de higienização e vacinação contribuíam para o aumento de doenças se tornando um perigo à ordem social. Mesmo com todo discurso modernizador desde o início do século XX, a cidade tentava separar o contato entre homem e animais.

A partir de premissas modernizantes, é possível encontrar através de fontes pesquisadas que a cidade, mesmo contendo carro, trem e equipamentos modernos, convivia disputando espaços não só com cachorros, mas também com os cavalos, que eram usados como meio de transporte da população, disputando espaços com veículos movidos a motor por muito tempo.

Mesmo com todo discurso modernizador criado no início do século XX, Campina Grande, apesar de conter alguns símbolos da modernidade, desde os primeiros anos do século citado, tardou no que se refere ao projeto de modernização de seus espaços, poucas obras de infraestrutura foram realizadas. Havia carência de higienização e organização dos espaços da cidade, o que passou a ser alterado logo após a segunda metade dos anos 30.

3. DO PROGRESSO A CIVILIDADE: CAMINHO DE CAMPINA GRANDE

Neste tópico, debatemos sobre a higienização e modernização da cidade a partir de uma série de obras que, sendo implantadas por Vergniaud Borborema

¹⁴ Antonio Pereira Diniz, foi prefeito da cidade de Campina Grande entre 27 de junho 1934 a 12 de setembro de 1935.

Wanderley, mudaram não apenas o espaço urbano, com novas e modernas construções nos perímetros centrais, como também passaram a organizar o modo de viver dos seus habitantes, mediante a centralização ou deslocamento de atividades, consideradas imprópria ao desenvolvimento da cidade, as quais podemos compreender ao longo deste artigo.

Da mesma forma como as grandes metrópoles Brasileiras no início do século XX realizaram suas reformas urbanas, interferindo na vida da população como forma de organizar a sociedade, a cidade de Campina Grande, em nome do “progresso e da civilidade” e a partir de sua elite, passou a questionar e a interferir em hábitos e costumes da população para atingir a modernidade.

Em nome do progresso e da civilidade campinense, costumes antigos passaram a ser questionados e até mesmo ridicularizados em função de práticas novas mais condizentes com o estágio avançado que julgava ter atingido sua elite (FILHO, 2009, p. 77).

É nesse contexto de euforia e ausência de medidas modernas que os apelos dos letrados passaram a surtir efeito. Sendo Campina Grande considerada “metrópole do interior” não poderia conviver em um ambiente atrasado no que se refere a seus espaços.

O progresso da cidade só seria alcançado a partir de transformações urbanas e higiênicas que, além de mudarem o cenário considerado feio e insalubre, passariam a alterar costumes e hábitos antigos como forma de buscar a modernidade.

Ao pensar nas transformações urbanas ocorridas em Londres e Paris no século XIX, tomemos como exemplo não o processo de industrialização que passaram as cidades europeias em seu ritmo frenético, mas o que fizeram as cidades de Londres e Paris para sanar seus problemas, podendo ser usado como exemplo para solucionar os problemas que enfrentavam as principais cidades brasileiras.

Brescianni (1992) destaca como estavam organizadas as cidades europeias no século XIX e mostra que Londres e Paris estavam expostas a todo tipo de doenças causadoras de epidemia decorrentes da falta de um controle higiênico e organização social. Todavia, isso mudou após o processo de transformação urbana e higiênica.

Tal ocorrido pode ser usado como exemplo para as cidades brasileiras que passavam pelo mesmo problema. As primeiras iniciativas higiênicas e modernas em Campina Grande surgiram logo nos anos de 1936, quando Vergniaud Borborema Wanderley assumiu a prefeitura, em dois mandatos: de 1935 a 1937 e de 1940 a 1945.

Sendo um dos principais nomes no que se refere à modernização de Campina Grande, Vergniaud Borborema Wanderley, ao assumir a prefeitura em 1936, teve a inspiração de fazer reformas, as mesmas praticadas por Pereira Passos, então prefeito do Rio de Janeiro no início do século XX, pelas grandes obras realizadas pelo sanitarista Francisco Saturnino Rodrigues de Brito.

Segundo Araújo (2010, p.31), Brito “atuou nos projetos de abastecimento d’água e saneamento das cidades do Recife, Pelotas, Santos e Porto Alegre, no final do século XIX e início do século XX”. Wanderley buscou em Passos e em Brito um espírito de mudança urbana, tentando eliminar e prevenir doenças dando

sequência a diversas obras em Campina Grande, que faziam da cidade um ambiente sem higienização, insalubre e propulsor de doenças.

As primeiras iniciativas do prefeito referem-se ao projeto de embelezamento das principais ruas da cidade. Uma das primeiras vias a sofrer transformação em busca de seu melhoramento foi a Rua Floriano Peixoto, conforme consta no projeto de lei, de 13 de março de 1936

PROJETO DE RESOLUÇÃO CONCEDENDO AUTORIZAÇÃO AO PREFEITO MUNICIPAL PARA DESAPROPRIAÇÕES NA RUA FLORIANO PEIXOTO DESTA CIDADE. 1º Considerando que a Praça Floriano Peixoto, alias a principal da cidade, constitui um verdadeiro monstro embelezamento e alinhamentos que os preceitos do Urbanismo empõem; 2º Considerando que foram intimados pela Prefeitura todos os proprietarios de predios desalinhados, para os removerem para o alinhamento urbanizante, sob pena de serem judicialmente desapropriados deles, dentro do prazo marcado; 3º Considerando que alguns de tais proprietarios se fazem contumazes, desrespeitando assim as posturas municipais, em vigor, as determinações legais da Prefeitura Municipal: A CAMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, PELA SEGUINTE RESOLUÇÃO, DECRETA: Art. 1º – Os proprietarios contumazes, até a presente data, a intimação do prefeito para avançarem no alinhamento legal, os predios altos a rua Floriano Peixoto, tem o prazo improrrogável de quatro mezes, para o fazerem sem multa. § 1º – Caso, terminado o prazo dado, não tenham os ditos proprietarios iniciado os serviços do avançamento dos seus predios, ficão sujeitos a multa de 400.000, diariamente, cobradas executivamente. § 2º – Si, terminando o prazo das multas, dado pelo Prefeito caso não tiverem iniciado os serviços das remoções legisladas, ou o prefeito autorizado, com plenos poderes, a proceder a desapropriação judicialmente, dos referidos predios, na forma da legislação em vigor. Art. 2º – Revogam-se as disposições em contrario (SALA DAS SESSÕES DA CAMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, EM 13 DE MARÇO DE 1936. Aprovada por unanimidade de votos na mesma sessão).

A partir do 1º Artigo do projeto de lei, é possível perceber que o plano de modernização do prefeito Vergniaud Borborema Wanderley foi buscar, a partir de reformas, alterar a estética urbana da cidade, como a Rua Floriano Peixoto que era a principal artéria de Campina Grande. Lugar de moradia de políticos e pessoas da alta sociedade, que não poderiam viver em um espaço feio com casas tortas aos olhos do prefeito e dos letrados que viviam na cidade.

O 2º Artigo do projeto de lei refere-se ao projeto de imposição ao alinhamento da Rua Floriano Peixoto. O autoritarismo nos faz pensar que o projeto modernizador da via não foi aceito de forma espontânea, já que havia a perda do imóvel via judicial.

O 3º Artigo reforça que a cidade, em 1936, já era regida por um código de postura municipal, regras e normas que deveriam ser seguidas e respeitadas por todos os membros da cidade. Os não favoráveis ao projeto modernizador tornavam-se inimigos das posturas municipais, sendo alvos de punições como o pagamento de multas e desapropriação. Segundo é possível constatar através de fontes os casarões, galpões e casas que faziam parte daquela via, tiveram suas características transformadas em nome da modernização dos espaços da cidade.

FIGURA 1 – Localização do largo da matriz 1932, atual Avenida Floriano Peixoto, Campina Grande-PB



Disponível em: https://2.bp.blogspot.com/_LRqKt1aZer0/TDWqHJCK6TI/AAAAAAAAAB5Y/-fnuE0Iki2M/s1600/foto2-florianopeixoto.jpg. Acesso em: 27 nov. 2019.

A fotografia acima, mesmo se referindo aos primeiros anos da década de 1930, nos faz compreender como estava organizada a Rua Floriano Peixoto, que, após a reforma urbana, deu início a demolições de casas, para abrir espaços para o alinhamento e prolongamento da via.

Sendo característica das principais cidades modernas, o projeto de alongamento e alinhamento se fazia indispensável às cidades que queriam atingir status de moderna. Segundo Filho (2009), uma grande cidade, tal qual se projetava Campina Grande, deveria contar com uma grande avenida.

Apesar de ter mostrado a Rua Floriano Peixoto como prova do ocorrido, é possível identificar que o projeto de embelezamento não se restringia apenas a ela. Casos semelhantes de alinhamento foram realizados na Rua Maciel Pinheiro, João Pessoa, Vidal de Negreiro, Afonso Campos, bem como outras desapropriações pelo não cumprimento da lei. O projeto modernizante da cidade tinha como base a Lei nº 4, de 25 de abril 1936.

Lei Nº 4º. Art. 1º – Fica o prefeito do Município autorizado a efetuar as desapropriações que julgar necessárias ou úteis ao melhoramento ou embelezamento da cidade [...]; Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário (SALA DAS SESSÕES DA CAMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, em 25 de abril de 1936).

As desapropriações realizadas pelo prefeito se faziam mediante a Lei de nº 4, que, ao se tratar do processo de remodelamento, não se restringiam a um local específico, sendo alvos de desapropriação não apenas as pessoas de menor

poder aquisitivo, como feirantes, mas os homens que tinham seus grandes comércios e casas. Todos foram afetados pela iniciativa modernizante do prefeito que se fez mediante a ajuda do Governo do Estado Argemiro de Figueiredo.

Do mesmo modo em que as principais vias de Campina Grande foram alinhadas, em decorrência de uma modernidade, Vergniaud Borborema Wanderley iniciava na cidade um plano de higienização dos seus espaços. O prefeito que tentava a todo custo tornar a cidade moderna, não poderia conviver em um ambiente insalubre, propulsor de doenças pela falta de higienização.

O início da implantação do sistema de águas e esgotos na cidade representou para grande parte dos campinenses uma enorme conquista, já que, a partir dos cuidados higiênicos, muitos problemas da cidade seriam controlados ou sanados.

A iniciativa do projeto de abastecimento de água e implantação de rede esgotos da cidade ocorrera mediante parceria com o Governo do Estado, sendo possível confirmar a partir da Lei de nº 6, de 25 de Abril de 1936.

A CAMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI: -----Art. 1º – nos termos do art. 43º, inciso 13 da lei de organização municipal, de 21 de Dezembro DE 1935, fica o prefeito municipal autorizado a celebrar contratos ou acordo com o governo do estado para execução dos serviços de abastecimentos de agua e exgoto, desta cidade, fazendo- se necessário,realisar operação de credito e dar garantias, que por ventura se tornarem presisas, para a execução do dito fim. Art. 2º –revogam-se as disposições em contrario(CAMPINA GRANDE, 25 de abril de 1936).

Mesmo sendo um dos principais responsáveis pelo sistema de abastecimento, de água e rede de esgoto em Campina Grande, o projeto de Vergniaud Borborema Wanderley só foi iniciado no ano seguinte, pelo então prefeito Dr. Demóstenes Barbosa, como confirmou o “Jornal Voz da Borborema”, em uma matéria publicada em 1937.

A comissão de saneamento deu início, hontem, ao serviço de esgoto na cidade. - Como é de domínio publico a directoria do saneamento iniciou em data de ontem os serviços de escavações e colocação dos canos de esgotos dessa cidade. Ao que sabemos. O director do saneamento dr. Jose Fernalofficiou ao Sr. Prefeito Demostenes Barbosa, participando do começo desse tão importante acontecimento enaltece o governo do dr. Argemiro de Figueiredo... (JORNAL VOZ DA BORBOREMA, 01, de setembro1937).

O início das obras de abastecimento de água e esgotos em Campina Grande ficou restrito apenas aos letrados e homens do comércio. Estes não cansavam de aplaudir as ações realizadas pelo governo do estado e da prefeitura da cidade que, com essas obras, viam além da higienização pessoal e do seu ambiente, o desenvolvimento do comércio e de atividades têxteis com essa iniciativa.

FIGURA 2 –Inauguração do sistema de água em 1938, Campina Grande-PB



Disponível em:

file:///D:/fotos%20para%20incluir%20no%20tcc/Retalhos%20Hist%C3%B3ricos%20de%20Campina%20Grande%20Mar%C3%A7o%202016_files/adutora6Festa.jpg. Acesso em: 27 nov. 2019.

A imagem acima representa o momento de inauguração do sistema de água na cidade de Campina Grande, em 9 de março de 1939, pela gestão do prefeito Bento de Figueiredo e do governador do estado, Argemiro de Figueiredo, que estava presente no evento, juntamente com políticos e comerciantes. O uso das águas da barragem de Vaca Brava, representou para elite campinense um salto na modernidade. Embora restrito apenas a certa camada da população, o discurso voltava-se ao abastecimento total da cidade.

Araújo (2010, p. 36) informa que “as pessoas que moravam nos bairros periféricos eram abastecidas por chafarizes”.O que nos remete pensar que modernização da cidade só foi realizada nos perímetros centrais de Campina Grande. Enquanto isso, os moradores da periferia continuavam a usar as águas sem tratamento higiênico, dos açudes, poços ou chafarizes existentes na cidade.

Sendo não só a feira de frutas e verduras alvo de intensas críticas ao longo dos primeiros anos que antecedem a reforma urbanas, a comercialização de carne, enquanto alimento, também era alvo de intensas críticas, por sua falta de higienização. Dando sequência ao projeto de urbanização da cidade, Vergniaud Borborema Wanderley assinou o contrato para a construção do Matadouro a partir do decreto de nº 3.

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU SANCIONO O SEGUINTE DECRETO:ARTIGO ÚNICO: – fica o poder executivo Municipal autorizado a abrir o credito extraordinário de 516 contos de reis (516: 000\$) no orçamento vigente; sendo 216: 000\$000 para satisfazer o pagamento que a municipalidade resta fazer do contrato de construção do matadouro publico, desta cidade, feito com as firmas J. Brandão Magalhães e J. Duarte, do Recife e 300: 000\$000 para a construção de dois prédios municipais, um para servir de sede a prefeitura e outro por ser instalado um hotel ou mercado publico, revogadas as disposições em contrario. – Campina Grande, 29 de julho de 1936.

Ao ser construído, o Matadouro municipal representou a Campina Grande um espaço de higienização e modernização da cidade. Filho (2009) mostra que o

abatimento de animais realizado de forma precária e sem cuidados higiênicos causava repulsa aos espíritos modernizantes.

Os animais abatidos, sobre o chão, dividem o espaço com o que parece ser galhos e outros matérias que poderiam causar repulsa aos espíritos modernizadores que pelejavam por um determinando projeto de higienização para Campina Grande, projeto este que colidia frontalmente com práticas como as que essas imagens nos mostram.(FILHO, 2009, p.166).

Segundo as considerações de Filho (2009), antes da centralização as atividades de matança animal, bem como a comercialização da carne, poderiam ser encontradas em quaisquer ruas da cidade, sem fiscalização e controle e higiênico. Era um dos principais problemas existentes na cidade, sendo solucionado com a construção do Matadouro.

Apesar de ser construído onde hoje funciona a cadeia do Monte Santo, essas atividades foram deslocadas para o bairro de Bodocongó, em 1942, depois das intensas críticas realizadas pelos moradores e comerciantes por sua proximidade ao cemitério Nossa Senhora do Carmo. As disposições contrárias surgiram mediante a insatisfação dos moradores e comerciantes que habitavam na localidade, porque não viam com bons olhos as proximidades do matadouro com o cemitério.

FIGURA 3 – Prédio do Matadouro Público, no bairro de Bodocongó, concluído pela administração do prefeito Vergniaud Wanderley, em 1942, em Campina Grande-PB



FONTE: Imagem do blog Retalhos Históricos (foto enviada por Saulo Araújo).

A imagem refere-se ao matadouro municipal de Bodocongó¹⁵, após sua

¹⁵ O prédio do antigo Matadouro, localizava-se na rua Florípedes Coutinho no bairro de Bodocongó. Devido à falta de investimentos, as atividades realizadas naquele local deixaram de existir antes de

construção, na segunda gestão do prefeito Vergniaud Borborema Wanderley, em 1942. O local foi construído em Arte Décor, estilo arquitetônico desenvolvido nas cidades da Europa na década de 1920, servindo de influência a diferentes cidades do mundo, inclusive as cidades brasileiras, dentre elas Campina Grande no período da reforma urbana.

Esse estilo arquitetônico tem como característica a substituição de construções antigas por grandiosas edificações geométricas, espaços amplos e ventilados, símbolo de locais higiênicos e modernos das cidades. Na rainha da Borborema, muitas construções adquiriram este estilo no período de reforma urbana como o antigo prédio da prefeitura e do primeiro hotel da cidade¹⁶.

Campina Grande, desde o início dos anos 20, é privilegiada no ramo do turismo. Viajantes do Brasil e do mundo faziam da cidade um polo de atração turista, o que se multiplicou após o funcionamento do trem, que, além de ser usado como transporte para o comércio do algodão, também serviu para reduzir o tempo de viagem entre Campina e outras regiões, que passaram a se interligar com mais facilidade a partir da chegada do trem.

Verificamos que, a cidade apesar de receber turistas de todas as partes do mundo, carecia de um local a altura para receber seus hóspedes, pois os antigos alojamentos eram precários e deviam ser substituídos por um belo hotel.

Decreto de nº9: A camara municipal decreta e sanciona a seguinte lei: Art I: – fica o poder executivo municipal autorizado a contratar, com quem melhores vantagens oferecer, as obras de construção de um hotel esta cidade, depois da falta a respectivas concorrências publicas. Único – para realização da referida obra, a prefeitura municipal aplicará até a importante cento e cinqüenta contos (150: 000 \$000), prevista na lei nº:3 de 29 de julho do corrente ano. – ART. II – revogam-se as disposições em contrario. (CAMPINA GRANDE, 4 de novembro de 1936).

A partir de reflexão do 1º artigo, é possível perceber que o poder municipal autorizou a construção de um Hotel na cidade. No mesmo artigo, nota-se a dificuldade de conseguir uma empresa para realizar tal ação. Isso nos remete a pensar nas exigências do prefeito para a realização da presente obra, sendo essa de grande porte e importante no que se refere a modernização dos espaços da cidade que deveriam seguir um padrão modernizador, igual ao dos grandes centros do Brasil, que investiram nas grandiosas construções em nome do progresso e civilidade das cidades. Souza (2003), afirma que:

Muitos prefeitos, governadores e interventores investiram em projetos desta natureza, que parecem ter se tornado algo natural entre os que buscavam a construção de uma cidade moderna, progressista e civilizada, segundo o significado que estes termos assumiam país afora (SOUZA, 2003, p.70).

Ao ser construído, entre a rua Marciel Pinheiro e a avenida Floriano Peixoto o Hotel modernizou as principais vias da cidade. Souza (2003) aponta

1980. Com o tempo, a estrutura veio abaixo. Hoje o antigo prédio do Matadouro é o condomínio vila nova Rainha.

¹⁶ O prédio do poder municipal de Campina Grande, hoje é a atual biblioteca Municipal Felix de Araújo, entre a avenida Marechal Floriano Peixoto e a rua Marciel Pinheiro. O prédio onde funcionou o primeiro hotel de Campina Grande, hoje funciona a secretaria de finanças do município na avenida Marechal Floriano Peixoto.

que um Hotel, ao ser construído nas principais vias, representa para as cidades um portão ou cartão de visitas, confirmando os traços da modernização do lugar.

FIGURA 4 –Imagem do primeiro hotel de Campina Grande, após a inauguração em 19 de abril de 1942



Disponível em:

https://2.bp.blogspot.com/_LRqKt1aZer0/SwE7Q9_rK4I/AAAAAAAAAsc/WTspNb8Lyxg/s640/grandehotel2.jpg. Acesso em: 27 nov. 2019.

A imagem representa o prédio do primeiro Hotel da cidade de Campina Grande. Planejado em Arte Décor, com quatro pavimentos o espaço adquiriu traços das grandes edificações construídas na Europa no século XIX. Araújo (2010, p. 61) informa que o “Grande Hotel constitui-se como o símbolo mais expressivo da modernização urbana de Campina Grande e se tornou o espaço de ostentação da elite campinense”. Informações dão conta que nesse Hotel havia espaços de jogos e cassinos para o divertimento da elite da cidade.

Além das diversas obras modernizantes realizadas a partir do mandato de Vergniaud Borborema Wanderley, os cuidados com saúde da população passaram a ser pensadas como forma de reduzir o alto índice de doenças presentes na cidade. Apesar das poucas obras realizadas, Bento Figueiredo¹⁷, ao assumir a prefeitura em janeiro de 1938, tratou em dar continuidade ao projeto urbanizador de Campina Grande, prosseguiu com importantes obras, entre elas estão: a construção da Casa de Saúde e maternidade Francisco Brasileiro, na Rua Siqueira Campos, no bairro da Prata.

Ao solicitar a construção de um hospital, o médico e fundador, Francisco Brasileiro, fez questão de demonstrar o quão importante seria esta obra para a cidade, que, em pleno desenvolvimento, deveria dispor de um belo e moderno hospital.

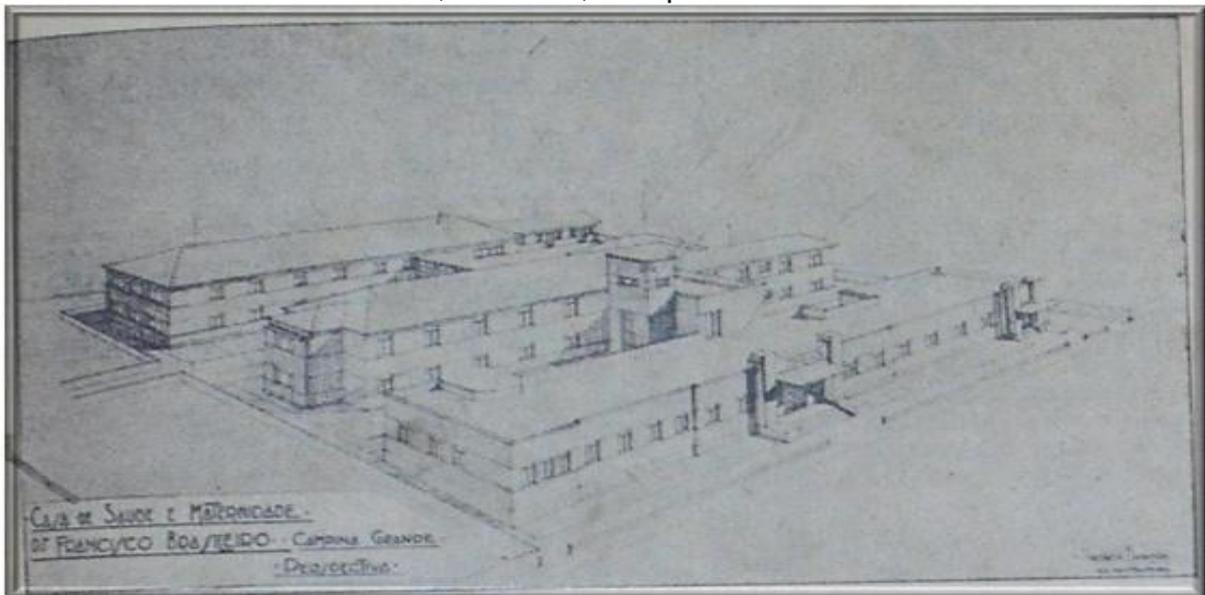
¹⁷ Bento de Figueiredo, foi prefeito de Campina Grande - PB de setembro de 1935 até dezembro de 1935 e de 1938 até 1940. Filho de Salvino Gonçalves Figueiredo e Luíza Viana Figueiredo e irmão do governador Argemiro de Figueiredo.

Não é mister salientar a importância e o elevado destino social dum tentamen deste porte, para a saúde de uma cidade da envergadura de campina grande. Beneficiado com favores do estado e município, o petionário se compromete a dar dois leitos na maternidade e dois na casa de saúde, a título gratuito, as pessoas consideradas indigentes, logo que a obra esteja completamente construída, inaugurada e funcionada [...] (CAMPINA GRANDE, 9 de maio de 1936).

Mesmo diante da construção de um hospital na cidade, é possível verificar que suas atividades dedicavam-se especialmente ao tratamento dos homens que compunham a elite campinense, já que, em decorrência do incentivo do prefeito e do governador, o diretor disponibilizou, como forma de agradecimento, dois leitos na maternidade e da Casa de Saúde para tratamento de doenças das pessoas que não dispunham de condições financeiras para pagar o hospital.

A partir do discurso do médico, é possível compreender a importância dessa obra para a cidade que, em ritmo de progresso, disponibilizou um dos mais modernos prédios na cidade. Além de ser planejado arquitetonicamente, trataria as principais doenças que existiam da cidade.

FIGURA 5 – Imagem do projeto da casa de saúde e maternidade Francisco Brasileiro, em 1938, Campina Grande-PB



Fonte: (Jornal Voz da Borborema, 6 de julho de 1938).

A imagem acima representou o projeto da construção da Casa de Saúde e Maternidade Francisco Brasileiro. O prédio foi construído estrategicamente no Bairro da Prata, em um local arejado, iluminado com muitas janelas, com várias divisões oferecendo tudo o que havia de moderno em seu interior. Partindo do mesmo ponto de vista, o Jornal Voz da Borborema publicou em 6 de julho de 1938, em sua matéria, como seria composto seu interior.

Um melhoramento de vulto pra campina grande
[...] Atendendo às finalidades a quem se destina, serem, as seguintes as divisões do estabelecimento: casa de saúde propriamente dita; maternidade; enfermarias; seção de cirurgia; seção de laboratório e

farmácia; seção autopsia e necrotério; seção de isolamento; seção GinásiumSolarium; seção de administração e finalmente, casa de residência. Existem ainda duas divisões com saneamento para enfermeiras especializadas e uma outra igualmente saneada para o médico de plantão. Acosinha, dispensário, copa, salão de refeições e quartos para empregados com saneamento próprio completam o conjunto principal da obra. O pavilhão de isolamento dispõe de três apartamentos, sala de curativos, sala de enfermeiras, sala de tisanas, tudo com saneamento completo e cosinhaprópria. O monumental edifício, que já se acha em construção, ocupará uma área total de dois mil e quatrocentos metros quadrados[...] (VOZ DA BORBOREMA, 6 de julho, 1938).

A partir do que foi escrito pelo jornal, percebemos a relevância do hospital na cidade. Embora fosse destinado a uma minoria, o hospital representou aos afortunados e a uma pequena parcela da população um contato mais íntimo com o progresso da cidade. Sendo inaugurado em 17 de maio de 1946, segundo afirmou Silva (2011).

Assim como o primeiro mercado de carne da cidade foi construído na intenção de afastar das ruas toda e qualquer atividade insalubre, o mercado de frutas e verduras de Campina Grande, embora fosse um dos locais mais criticados ao longo de toda década de 30, só teve suas atividades comerciais centralizadas no dia 30 de agosto de 1941. Isso representou as ruas da cidade e aos letrados que viviam na região central uma iniciativa modernizante e higiênica.

Araújo (2010) informa que a construção do Mercado Central, em 1941, numa localidade próxima à Rua Vila Nova da Rainha, constituiu, na época, em uma medida de higienização e embelezamento do centro da cidade, pois permitiu a transferência da feira para essa localidade, deixando de sujar as calçadas das ruas centrais.

FIGURA 6 –Imagem da Rua Maciel Pinheiro, década de 1940, Campina Grande-PB



Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/07/memoria-fotografica-pc-epitacio-pessoa.html#.XeEOaFVKjcc>. Acesso em: 29 nov. 2019.

A imagem acima representa a Rua Maciel Pinheiro com a Praça Epitácio Pessoa na década de 1940. Embora não seja possível confirmar a data exata, é possível perceber que a imagem foi tirada logo após o deslocamento da feira, já que o ambiente antes era composto por um grande aglomerado urbano, desorganizado e sem higienização.

O conglomerado substituído por elementos que caracterizam um contato de uma cidade como ares modernizantes, como o alinhamento de meios fios, árvores podadas, automóveis estacionados em frente às residências, representando um dos símbolos mais sofisticados da modernização.

Vergniaud Borborema Wanderley em seus dois mandatos construiu grandes obras na cidade, ao passo que construía, também demolia tudo aquilo que, aos seus olhos, confrontava-se com o embelezamento da mesma. Por essa razão, deu início a demolição de importantes locais históricos como o prédio do Paço Municipal e a Igreja do Rosário de Campina Grande, em 1942.

FIGURA 7 –Imagem do Antigo Paço municipal, antes da sua demolição, década de 1940, Campina Grande- PB



Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/02/#.XeEQgVVKjcc>.

Acesso em: 29 nov. 2019.

A imagem acima refere-se ao Paço municipal, construído em 1877. Funcionou onde hoje é o estacionamento da Catedral Nossa Senhora da Conceição. Nesse prédio, funcionou o fórum e a sede do poder legislativo campinense (GOMES, 2017).

FIGURA 8 – Imagem da Antiga Igreja do Rosário, em 1942, Campina Grande-PB



Disponível em:

http://3.bp.blogspot.com/_LRqKt1aZer0/Sri5x4IZGPI/AAAAAAAAAXM/BB-zrbEsY-Q/s640/tese12.JPG

Acesso em: 27 nov. 2019.

A imagem acima representa a primeira igreja do Rosário da cidade de Campina Grande, antes de ser demolida para o prolongamento da Avenida Floriano Peixoto, nos primeiros anos da década de 1940.

Embora o Paço Municipal e a igreja do Rosário representassem um símbolo dos primórdios da cidade, o projeto de modernização de Vergniaud Borborema Wanderley “tomava pra si a tarefa de promover a erradicação daquilo que ele considerava feio para avenida” (FILHO, 2009, p. 63), tendo como missão apagar traços desse período, com belas e modernas construções nos perímetros centrais da cidade.

Em nome do melhoramento urbano da cidade, Vergniaud Borborema Wanderley, nos primeiros anos de 1940, ampliou o espaço da Praça Clementino Procópio, construído por seu antecessor Bento de Figueiredo. A este respeito, Filho (2009) aponta que a praça atuava como um espaço apazível no centro da cidade, apto para sessões de descanso e divertimento daqueles habitantes. Um contributo da administração pública à sociabilidade campinense.

FIGURA 9 –Imagem da Praça Clementino Procópio, década de 1940, Campina Grande- PB



Disponível em:

<http://cgretalhos.blogspot.com/2015/08/praca-clementino-procopio-decada-de-1940.html#.XeER8VVKjcc>. Acesso em: 27 nov. 2019.

A imagem acima refere-se à Praça Clementino Procópio nos primeiros anos da década de 40. Apesar da imagem não tão nítida, é possível identificar que esse local havia adquirindo traços da modernização como a arborização e o alinhamento em seus canteiros. Afinal, sendo Campina Grande influenciada pelos grandes centros urbanos, deveriam ter espaços públicos, verdes, amplos e confortáveis que possibilitasse a interação entre seus moradores. Locais que, embora destinados ao lazer, eram também uma característica de uma cidade civilizada e desenvolvida.

Para além da ampliação e modernização da Praça Clementino Procópio, Vergniaud Borborema Wanderley, em seu segundo mandato, concluiu obras de grande porte modernizador na cidade, tais como: o Matadouro de Bodocongó, em 1942; no mesmo ano inaugurou o Grande Hotel na avenida Floriano Peixoto; ajudou na construção Casa de Saúde e Maternidade de Campina Grande Francisco Brasileiro, iniciada por Bento de Figueiredo e inaugurada após o fim do seu mandato; deu sequência à instalação do sistema de água e esgoto da cidade; realizou desapropriações, embelezou e higienizou as ruas com calçamentos e alargamento das principais vias, atendendo às principais reclamações da elite local, que buscava, através de reformas, assemelhar Campina Grande a grandes cidades brasileiras, tais como o Rio de Janeiro e São Paulo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as pesquisas realizadas sobre as cidades ao longo dos anos, buscamos, a partir de nosso estudo e pesquisa, contribuir com o campo historiográfico, ao analisar o processo de modernização e higienização da cidade de Campina Grande.

Ressaltamos que essas transformações no período em que estudamos ganharam forma em meio à propagação de discursos oriundos do

desenvolvimento econômico da cidade, já que esta apresentava, na época, um significativo potencial para o crescimento e desenvolvimento.

Tais discursos reforçavam a pretensão de torná-la grande e moderna. Deste modo, era urgente e necessário alterar seu espaço, considerado atrasado aos olhos da elite que ali viviam. As transformações foram concretizadas por meio de uma série de obras modernizantes e higiênicas, as quais trabalhamos a partir do recorte temporal de 1930 a 1945.

A cidade experimentou a modernidade ao transformar ruas estreitas em avenidas como a Floriano Peixoto, que fora alinhada e prolongada, bem como foi construída um grande hotel naquela via que, em nome de seu embelezamento, foi responsável pela demolição de importantes obras como o Paço Municipal e a Igreja do Rosário.

Na questão higiênica, vivenciou sua modernização ao realizar a implantação do sistema de água e o esgotamento sanitário, ao construir a feira central e o matadouro público, bem como ao construir o hospital, propiciando à cidade cuidados com os principais problemas de ordem higiênicas, que foram amenizados a partir dessas construções.

Mostramos neste escrito como estava organizada a cidade de Campina Grande antes do seu período de reforma urbana, bem como os motivos que a levaram a realizar a modernização e higienização do espaço urbano. Discutimos as principais iniciativas modernizantes e higiênicas realizadas na cidade a partir do mandato de Vigneaud Wanderley, o qual, em nome de um projeto modernizador, tratou de construir, reformar, deslocar ou centralizar atividades ou locais considerados impróprios nos perímetros centrais.

A partir deste trabalho, compreendemos o processo de higienização e modernização de Campina Grande, buscando entender os motivos que levaram a cidade da qual faço parte a realizar sua reforma urbana.

Creemos que podemos contribuir com o campo das pesquisas historiográficas, uma vez que ao analisamos as transformações urbanas de Campina Grande a pesquisa, possibilita entender como se deu, ao longo dos tempos, as mudanças urbanas em diferentes cidades do interior do Brasil.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. ARAÚJO, C. **Origem da Arquitetura Moderna em Campina Grande: Obras Precursores e Suas Contribuições Para A Arquitetura Regional. 1900 – 1950.** In: seminário ibero americano arquitetura e documentação, 4º., 2015, Belo Horizonte.

AGRA, Giscard Farias. **Modernidade aos goles:** a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande – 1904 – 1935. Campina Grande, EDUFPG, 2010, 218 p.

ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do Moderno na Paraíba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e Simbólicas 1880 a 1925/** Gervácio Batista Aranha. In: ARANHA, Gervácio Batista. A Paraíba no Império a República: estudos de história social e cultural. João Pessoa: Idéia, 2005.

ARAÚJO, Silvera Vieira. **Dispensando o Feioso: a construção da Higiene estética de Campina Grande (1930 – 1960)**2010. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande, 2010, p. 138.

BRESCIANNI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte Imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

FILHO, Severino Cabral. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história**. Campina Grande, UFCG, 2009.

GINZBURG, Carlo, 1939. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MARINHO, Arthur Robinson de Figueiredo. **Trem e melhorias urbanas em Campina Grande: Avanços e Permanências**. Campina Grande: UEPB,2009, 39 f.

SILVA, Maria Raquel. **Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande: modernização, urbanização e grupos escolares (1935 a 1945)**. 2011. (Mestrado em História) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011

SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra. **Campina Grande: Cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil 1930 a 1945**.São Paulo.Revista Brasileira de História, n. 46, v. 23, p. 61-92, 2003.

SOUZA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra. **Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1920 – 1945)**. Tese. (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e ciências Humanas. São Paulo: Unicamp, 2001.

THOMSON. E. P. **Costumes Comum. Estudos Sobre a Cultura Popular e tradicional**. Revisão técnica; Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo fontes, - são Paulo: Companhia das letras, 1998.

OUTRAS FONTES UTILIZADAS

Projetos de lei presentes no arquivo municipal de Campina Grande:

Projeto de lei concedendo autorização ao prefeito municipal para desapropriação da Rua Floriano Peixoto, em 13 de março de 1936.

Projeto de Lei nº 6: concede autorização para execução do serviço de abastecimento de água e esgotamento sanitário, em 20 de abril de 1936.

Projeto de lei nº 4: concede autorização ao prefeito municipal fazer as desapropriações que julgar necessárias, em 25 de abril de 1936.

Decreto nº 3: concede autorização para construção do matadouro público, em 29 de julho de 1936.

Decreto nº 9: concede autorização para construção do hotel, em 4 de novembro de 1936.

Projeto para construção do hospital Francisco Brasileiro, em 9 de maio de 1936.

PERIÓDICOS UTILIZADOS:

A feira de Frutas. **Jornal Brasil Novo**. Campina Grande, edição de 21 de fevereiro de 1931 (Acervo do Museu Histórico de Campina Grande).

Com a Higiene Municipal. **Jornal O Brasil Novo**. Campina Grande, edição de 9 de maio de 1931 (Acervo do Museu Histórico de Campina Grande).

Isto é incrível, sr. prefeito. **Jornal A Batalha**, Campina Grande, Ano I, n. 10, edição de 19 de dezembro 1934 (Acervo Átila de Almeida – UEPB).

Um melhoramento de vulto pra Campina Grande. **Jornal voz da Borborema**. Campina Grande, edição 6 de julho de 1938 (Acervo do Museu Histórico de Campina Grande).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pela oportunidade concedida. À minha família, pela força e o incentivo. Aos Amigos e colegas do curso de história da UEPB, em especial a Valdeir, Ednaldo, Andressa, Bruna, Diana, Érica, Mellisa, Maxciel, Franciel, Walter e Janaina, Rafael, Aline, Natalia pela ajuda ao longo desta caminhada.

Agradeço aos professores do curso, em especial à professora Dr^a Patrícia Cristina de Aragão, minha orientadora, por sua dedicação e comprometimento. Aos professores Iordan Queiroz Gomes, Matusalém Alves de Oliveira, Bruno Rafael de Albuquerque, Adoniran Ribeiro, Ramsés Nunes e Silva, Lúcia Freire Monteiro, Flávio Carreiro de Santana, Gilbergues Santos Soares, José do Egito Negreiros, José dos Santos Costa Junior, que contribuíram com o profissionalismo e por seus conhecimentos do campo historiográfico.

Agradeço, ainda, aos técnicos administrativos da Coordenação do Curso de História. Aos funcionários da biblioteca, e a todos que fazem parte da instituição da Universidade Estadual da Paraíba.